

A SISTEMATIZAÇÃO COMO DESAFIO PERMANENTE DA APRENDIZAGEM INSTITUCIONAL

- Domingos Corcione -

O interesse pela sistematização vem crescendo muito no mundo das ONGs, Redes e Organizações Populares. Avançou-se na compreensão de que não se trata apenas de sistematizar esta ou aquela experiência, mas de construir uma política de sistematização para o conjunto da instituição, isto é, um conjunto de medidas articuladas que favoreçam a resposta ao permanente desafio da aprendizagem institucional.

I. BREVE RESGATE AVALIATIVO

No decorrer das duas Oficinas anteriores as Entidades participantes do curso fizeram referência, em várias ocasiões - – e não apenas no Diagnóstico inicial - ao estágio de sua caminhada nesta área temática.

Algumas delas revelaram avanços expressivos: selecionaram e sistematizaram experiências, até publicá-las e difundi-las; este esforço favoreceu a construção coletiva de parâmetros comuns, assim como a preservação da memória histórica da instituição.

Contudo, na maioria das Entidades a "**dinâmica da ação**" ainda predomina sobre a sistematização e a pesquisa, impedindo que a aprendizagem institucional se reflita adequadamente sobre as estratégias de intervenção e que se avance significativamente nos processos planejados, executados e monitorados.

Entre as causas desta fragilidade ressaltamos duas:

- A insuficiente importância dada à sistematização e à pesquisa. Pretende-se, muitas vezes, encontrar justificativas nos altos custos que tais tarefas exigem e na insuficiente capacitação dos quadros internos da instituição.
- A segunda causa, intimamente relacionada com a anterior, deve ser localizada no fato de que Centros e Instituições não têm definida como política institucional efetiva a dedicação de suas equipes de trabalho à tarefa de sistematizar as experiências que realizam, mesmo que no discurso seja mencionada como importante. Geralmente, se determina o momento para planejar, executar e avaliar, mas não se prevê o momento para sistematizar.

II. REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS (*)

A sistematização não pode ser entendida apenas como uma mera narração ou descrição de experiências, nem uma classificação das mesmas ou um ordenamento de informações fragmentadas, nem uma exposição teórica com algumas exemplificações práticas.

Um processo sistematizador, mesmo que passe por tudo isso, vai muito mais além, pois deve ser compreendido como um processo de interpretação crítica de uma experiência que, a partir de seu ordenamento e reconstrução, descobre ou explicita a lógica do processo vivido, os fatores que nele intervieram, como se relacionam entre si e porque se desenrolaram desse modo.

A partir de tais premissas, a sistematização visa favorecer a apropriação da experiência por seus próprios sujeitos, através da construção do sentido de sua vivência. Isso quer dizer que se pretende conhecer problemas e respectivas causas, de acordo com a interpretação dos próprios sujeitos, aportar novos elementos e informações para melhorar ou superar criticamente interpretações anteriores e definir caminhos viáveis para enfrentar coletivamente os problemas identificados. A atividade sistematizadora possibilita, assim, aos sujeitos de uma ação social e/ou coletiva que se apropriem de sua própria experiência pela construção do sentido de sua vivência.

Trata-se, afinal de um processo pelo qual se tenta recuperar o que os sujeitos sabem de sua experiência, para que possam compreendê-la melhor, interpretá-la e comunicá-la, favorecendo a produção de um novo tipo de conhecimento.

Multidimensionalidade da sistematização de experiências.

A sistematização apresenta várias **dimensões que lhe são constitutivas**:

- Contém como central a **produção de conhecimentos** (reconstruir, interpretar, teorizar).
- Implica em **socializar** a outros o conhecimento gerado (comunicação).
- Tem o caráter de **experiência pedagógica**, para quem dela participa (formação e auto-formação).
- Contribui na **potencialização da prática estudada** (consolidação de práticas consideradas bem sucedidas ou que estejam enfrentando dificuldades; redefinição de estratégias de trabalho).

São todas dimensões interrelacionadas, que se desenvolvem no decorrer da sistematização, enfatizando ora um aspecto, ora outro.

Sistematização e produção de sentidos.

A sistematização é um instrumento que se situa no campo da construção da sabedoria.

A **sabedoria** é uma totalidade orgânica de compreensão, explicação, interpretação da realidade e instrumento de sua transformação, capaz de conformar sujeitos individuais e coletivos. Ela permite, pois, além de identificar os significados das ações, construir seus sentidos para os sujeitos.

A sabedoria inclui várias dimensões: a cognitiva, a ética, a estética, a técnica e a política. Não são dimensões isoladas e separáveis. Trata-se de uma distinção teórica para compreender a sabedoria humana em sua amplitude e complexidade.

Tudo isso significa que um processo de sistematização é uma atividade cognitiva que se propõe a construir ou reconstruir os saberes - saber-ser, saber-conviver, saber-fazer, saber aprender, etc. - que estão sendo produzidos numa determinada experiência existencial por seus diferentes sujeitos.

A partir de tudo isso, podemos concluir, portanto, que o **processo da construção de sentido** implica em:

- Selecionar e organizar informações.
- Estabelecer relações.
- Construir sínteses e, com essas sínteses,
- Interpretar experiências e vivências.

Afinal, o **desafio** da sistematização é:

- Construir processos por meio dos quais os sujeitos confrontem os saberes existentes e interpretem suas experiências, conferindo um novo sentido à prática social que estão vivenciando.
- Explicitar os sentidos que os sujeitos, envolvidos numa determinada ação, têm sobre a realidade.
- Ajudar os sujeitos sociais a formular suas percepções, que são produtos de suas interações sociais, situadas e condicionadas culturalmente.

III. ALGUMAS ORIENTAÇÕES SOBRE SISTEMATIZAÇÃO

A partir das premissas teórico-metodológicas anteriores, queremos – nesta última seção – resgatar orientações construídas coletivamente por ocasião de cursos ou oficinas com nossa facilitação.

- **Quanto à inclusão da política de sistematização no Plano Estratégico institucional e no Plano Operacional Anual.**

É fundamental que a política de sistematização seja explicitada no Plano Estratégico Institucional, com clara definição de prazos ou etapas e responsáveis diretos e indiretos.

Mas isso não basta. Será preciso inserir a viabilização desta política no Plano Operacional de cada ano. Sugerimos a previsão da sistematização de pelo menos 01 experiência a cada ano. Poderá ser um projeto ou programa, numa área geográfica ou temática bem delimitada.

- **Quanto à dimensão participativa do processo sistematizador**

A ação sistematizada, a partir dos referenciais anteriormente lembradas, não pode ser concebida como uma tarefa a ser confiada exclusivamente a um especialista do assunto, que – na melhor das hipóteses – socializará posteriormente a elaboração feita, para todo mundo aprovar e aplaudir.

Na concepção sintetizada acima a dimensão participativa é intrínseca ao processo sistematizador. Isso significa, na prática:

- Criar mecanismos institucionais para que as elaborações feitas em cada etapa do trabalho sejam periodicamente socializadas e aprimoradas por um grupo maior de pessoas.
- Este grupo não poderá envolver apenas @s técnico@s da instituição nem somente todos os membros da mesma, mas também beneficiários e parceiros preferenciais.

Afinal, se trata de implementar estratégias para envolver representantes do público ou beneficiário@s da experiência, desde o início do processo sistematizador (elaboração do Termo de Referência, contendo objetivos, pressupostos, metodologia...).

□ **Quanto aos objetivos e ao mapa de perguntas.**

Para um bom processo de sistematização da experiência é necessário:

- Explicitar, com clareza, **os objetivos** que se deseja alcançar com o processo sistematizador.
- Montar um **Mapa de Perguntas**, construído coletivamente, capaz de expressar expectativas, busca de descobertas, dúvidas existentes e eixos temáticos que se pretenda priorizar ao realizar a sistematização.

□ **Publicização da experiência sistematizada**

A publicização da experiência deve ser considerada como parte integrante do processo sistematizador, pois não teria sentido sistematizar apenas para quem o faz ou para os envolvidos diretos. É da natureza da sistematização que esta seja comunicada e difundida para um público mais amplo, de modo que outros grupos ou organizações:

- Possam se beneficiar das descobertas que a experiência proporcionou;
- Tenham uma nova fonte de aprendizagem.

□ Distintas linguagens comunicativas da sistematização

A comunicação da experiência sistematizada, tanto para dentro da instituição como para fora dela, poderá fazer uso de diversas linguagens e não apenas da escrita. Referimo-nos à possibilidade de se utilizar vídeo, teatro, exposição de cartazes e de fotografias, música e dança...

Esta opção deverá levar em conta, naturalmente, o público específico ao qual se dirige a sistematização, o orçamento previsto e o tempo que se tem à disposição.

NOTA BIBLIOGRÁFICA

- (*) Para a elaboração dos referenciais teórico-metodológicos foi consultada a seguinte bibliografia:
1. Oscar Jara - Para sistematizar experiências - UFPB - Equip - 1996.
 2. João Francisco de Souza - Sistematização, um instrumento pedagógico - texto em fase de publicação, pela UFPE – 1998.
 3. Erika Santibañez R. / Carlos Alvarez S. Editores - Sistematización y producción de conocimiento para la acción - Centro de Investigación y Desarrollo de la Educación (CIDE) - Santiago (Chile) – 1996.
 4. Erika S. (,,) - CIDE - Manual para la sistematización de proyectos educativos de acción social - Santiago (Chile) - 1993.

APROPRIAÇÃO DE INSTRUMENTOS DE APOIO À SISTEMATIZAÇÃO

- orientações para os GTs -

Domingos Corcione

Existem vários instrumentos de apoio que auxiliam a ação sistematizadora. Seleccionamos alguns, sabendo de sua importância e visando que contribuam para sistematizar experiências, avaliar Projetos, elaborar Relatórios e fazer outros tipos de sistematização.

Trata-se, em primeiro lugar, de conhecer o significado e o funcionamento de cada um de tais instrumentos. A partir desse prévio conhecimento será possível descobrir também como podem ser utilizados e os cuidados que exigem para sua adequação a cada processo de sistematização.

1. A Linha do Tempo

Pode servir para relatar os passos de um Projeto ou a caminhada de uma instituição. Pode também ajudar a projetar no futuro estratégias e ações de um Projeto que está sendo ainda desenhado.

Como exercício sugerimos que se utilize o texto de apoio para sistematizar – em seus principais aspectos - a Linha do Tempo de um Projeto que tenha sido concluído ou que esteja em fase de realização. Recomendamos que se valorize ao máximo o material e as informações relativas ao Projeto que tenha sido selecionado para a sistematização.

2. O Mapa Mental

Poderá servir, sobretudo, para sistematizar anotações ou idéias que deverão ser inseridas numa narrativa de sistematização.

Sugerimos que a partir do estudo do texto de apoio seja construído – a título de exercício - o Mapa da Aprendizagem que está sendo proporcionada nesta Oficina.

3. Os Quadros Demonstrativos ou tabelas

Podem ser utilizados tanto em relatórios como em Projetos que estejam sendo desenvolvidos, desenhados ou sistematizados.

Sugerimos que as orientações da consultoria (texto) sejam valorizadas para se construir Quadros Demonstrativos (Planilhas, Tabelas) que ajudem a sistematizar informações sobre um Projeto em andamento.

4. As Anotações pessoais:

São um suporte indispensável, prévio à ação de sistematização. Sua elaboração, se for bem feita, poderá ser determinante para se conseguir sistematizar um trabalho ou um evento.

Sugerimos que se estude o texto de apoio (Hoffbeck G. e Walter J. – “Como tomar notas rapidamente e bem” – Nobel – 1991), para extrair orientações que sejam consideradas oportunas e adequadas à ação sistematizadora das pessoas que estão participando desta Oficina.

5. Diário de Campo:

Trata-se de um importante instrumento de apoio à elaboração de Projetos ou Relatórios de sistematização.

Sugerimos que o breve texto da consultoria seja lido, visando complementá-lo e aprimorá-lo, levando em conta eventuais experiências que se tenha acumulado.

OS MAPAS MENTAIS

Domingos Corcione

O MAPA DE IDÉIAS ou, como é mais conhecido, MAPA MENTAL, é uma preciosa ferramenta de aprendizagem e de transmissão ordenada de conhecimentos, por favorecer a sistematização e visualização das conexões e inter-relações entre idéias e conceitos. Nesse texto usaremos as duas nomenclaturas, para que se torne natural utilizá-las com o mesmo significado.

O criador do Mapa Mental foi o inglês Tony Buzan, que pesquisou as anotações de vários gênios, entre os quais Leonardo da Vinci e descobriu que nenhum deles fazia anotações lineares. Nossa mente não trabalha de forma linear; ela funciona em formato “radiante”, pois dispara informações para todos os lados. É por isso que o Mapa Mental se chama assim.

I. PARA QUE SERVE O MAPA MENTAL?

O Mapa Mental é muito útil para se fazer sistematizações mais rápidas, durante ou depois de uma discussão, possibilitando uma boa apropriação dos principais aspectos abordados. Após sua elaboração poderá ser transcrito ou impresso sem nenhuma alteração ou transformado em texto mais explicativo e detalhado.

Podemos construir Mapas Mentais para outras finalidades, tanto individuais como coletivas:

- Para anotar aulas.
- Para resumir livros e informações mais complexas.
- Para ilustrar um plano de trabalho.
- Para construir a agenda pessoal.
- Para preparar uma palestra.
- Para estruturar nossas idéias antes de uma reunião.
- Para organizar os resultados de um debate em plenária, durante a própria discussão.

Tentaremos, a seguir, explicitar as principais características de um Mapa mental e descrever como pode ser construído e utilizado.

II. AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DE UM MAPA DE IDÉIAS

Em geral busca-se construir Mapas Mentais com pouco texto, muitas imagens e cores, seguindo a lógica de causa-efeito, focalizando e visualizando idéias centrais, mas favorecendo – ao mesmo tempo - a compreensão e localização de aspectos secundários relacionados com os principais.

Em muitas ocasiões não se dispõe de suficiente tempo e de instrumentos de apoio (pincéis coloridos, quadro branco grande...). Além disso, acontece com frequência que a urgência da cobrança desse instrumento - no decorrer de um encontro ou oficina - acaba impondo a utilização de muitas palavras, poucas imagens e apenas 01 cor.

Mesmo reconhecendo esses limites, o mais importante é se assegurar o principal requisito de um MAPA:

A capacidade de focar e visualizar idéias centrais,
suas conexões internas e com aspectos secundários,
não só a partir da lógica de causa-efeito,
mas também de outras categorias de análise e compreensão conceitual.

Referimo-nos à visão de rede,
às relações de interdependência,
à categoria da transversalidade,
aos métodos de indução e dedução
e a outras ferramentas de análise.

III. COMO CONSTRUIR UM MAPA MENTAL

Para a construção de um bom MAPA DE IDÉIAS é necessário seguir algumas orientações, por quanto simples possam parecer:

1. Escrever do centro para fora e em todas as direções.

Escrever as informações a partir do centro de uma folha de papel ou de um quadro branco, e deste ponto proceder em todas as direções, fazendo conexões.

2. Usar, na medida do possível, apenas palavras-chaves

Escrever o que é realmente mais importante. A escolha delas deve ser bem pensada, pois deverão poder resumir questões bem mais abrangentes do que uma simples palavra possa normalmente conseguir expressar.

3. Usar imagens e símbolos

Sabemos que as imagens valem mais do que muitas palavras, pois cada imagem favorece maior compreensão, ilustrando melhor as idéias...

Não é preciso ser bom desenhista ou pintor; basta rabiscar ou inventar a imagem que a idéia possa suscitar... Poderá ser uma garrafa, uma bola, um sol, círculos concêntricos, uma casa, uma seta, uma interrogação...

4. Escrever de forma bem legível

Não estamos escrevendo apenas para nós mesmos, mas para sermos compreendidos por outros. É bom sempre se lembrar disso.

Esse lembrete implicará em muitos cuidados, inclusive naqueles relacionados com a escolha do tamanho da letra, da “arte gráfica final”, assim como de mil outros aspectos.

5. Fazer todas as conexões

Cuidado para não deixar nada isolado. Estabelecer sempre relações. Podem ser relações de causalidade ou de agregação, de interdependência, de transversalidade, de rede... Às vezes não sabemos bem com quais relações estamos lidando, mas ao escrever as coisas vão ficar mais claras. Se for preciso, se apaga o que se escreveu no começo e se recomeça de novo... O pensamento da gente não é linear: ele avança, recua, faz saltos, depois vai de lado...

6. Usar cores, de modo que apareçam as diferenças entre as palavras

As palavras não assumem sempre o mesmo peso e significado. As cores e o tamanho das letras podem ajudar a fazer essas diferenças. Um Mapa colorido será certamente mais fácil de ser interpretado.

IV. PARA PESQUISAR E APROFUNDAR:

Sugerimos, para estudo e aprofundamento, um site e um livro:

O site: www.mapasmentais.com.br

O livro: G. OFFBECK e J. WALTER: Como tomar nota rapidamente e bem – Nobel, São Paulo 1973.

Observações: o livro que sugerimos vai além de ensinar apenas a tomar nota, pois favorece a aprendizagem do Mapa Mental e de outros métodos de sistematização dos conhecimentos.

QUADROS DEMONSTRATIVOS

- Domingos Corcione –

1. Definição

São planilhas ou tabelas utilizadas como instrumentos para registro de informações diversas, contribuindo no apoio à sistematização de conhecimentos e experiências.

2. Tipos

Existem dois tipos de tabelas ou quadros demonstrativos:

- Tabelas de 01 entrada: evidenciam informações. A entrada pode ser horizontal (em linhas) ou vertical (em colunas). São as mais simples de serem construídas.
- Tabelas de 02 entradas: favorecem o cruzamento de informações. Apresentam uma entrada vertical e outra horizontal. São mais complexas e exigem maiores cuidados em sua formatação.

3. Vantagens de seu uso

As planilhas ou tabelas oferecem muitas vantagens. Destacaremos algumas:

- Ajudam a colher dados de forma concentrada e sintética, evitando longas descrições: condensam textos.
- Facilitam a interrelação e análise de dados, em várias dimensões: cronológica, econômica, política...
- Favorecem o confronto de informações.
- Propiciam a classificação e sistematização de dados.
- Auxiliam no processo pedagógico de aprendizagem.
- Contribuem na construção de sínteses.
- Facilitam a visualização de informações.
- Facilitam uma maior agilização na localização e uso de informações coletadas.

4. Limites

Apesar das vantagens, as tabelas podem ter limites, decorrentes de sua construção ou do uso incorreto das informações que oferecem. Ressaltaremos dois limites:

- Não isentam da necessidade de se fazer uma análise qualitativa e mais completa dos dados coletados.
- Se não forem bem utilizadas, podem fazer correr o risco de fragmentação e uso departamentalizado das informações.

5. Orientações para o processo de construção e formatação das tabelas:

A construção de planilhas e tabelas é uma arte que se aprende aos poucos. Vale a pena explicitar algumas recomendações básicas que devem ser levadas em conta na hora de construí-las:

- O título deve permitir ao leitor que compreenda rapidamente o foco dos conteúdos do quadro.
- Notas de rodapé devem ser utilizadas para explicações relevantes, que favoreçam a compreensão das informações visualizadas.
- Para se evitar o risco de fragmentação dos dados, como dizíamos acima, se aconselha que as tabelas sejam sempre acompanhadas por uma breve leitura interpretativa, que contribua na análise integrada dos dados que aparecem nas colunas e linhas.

A LINHA DO TEMPO ¹

Domingos Corcione (consultor)

A LINHA DO TEMPO (LT) é um instrumento didático que pode ser utilizado no estudo da História, para favorecer a visualização da sucessão de fatos e processos históricos que se queira focalizar, assim como de sua extensão no tempo e, sobretudo, de sua concomitância com outros fatos e processos que façam parte do contexto.

Este método pode ajudar muito no registro, na análise e na compreensão mais ampla de qualquer tipo de processo que se queira reconstruir.

A seguir vamos tratar principalmente da criação e do uso da Linha do Tempo em função da reconstituição histórica do Movimento Sindical Brasileiro, com foco na luta dos trabalhadores e das trabalhadoras rurais.

1. COMO SE PODE CONSTRUIR UMA LINHA DO TEMPO

Pode-se utilizar uma longa faixa de papel, dividida horizontalmente em anos, décadas e séculos. Para que esta divisão ajude efetivamente na compreensão das mudanças na caminhada do Movimento Sindical ao longo do tempo que está sendo estudado, será necessário:

- Estabelecer previamente uma periodização. No estudo da História Geral, na Escola formal, aprendemos a falar de Idade Média, História Moderna, História Contemporânea... Da mesma forma costumamos distinguir períodos em nossa história pessoal: “Até 18 anos eu morava na roça; depois fui obrigado a viver na cidade grande”. Assim é possível, também, criar períodos para a história do MSTTR. Esta periodização dependerá da compreensão que vier a ser amadurecida acerca da trajetória do Movimento e de sua relação com o contexto social mais amplo.
- Manter uma escala fixa; isso quer dizer que a um certo período de tempo (uma década, por exemplo), deve corresponder – visualmente – sempre um mesmo espaço no papel.

Verticalmente a faixa será subdividida em faixas menores ou “linhas”, que possam explicitar as diversas dimensões ou níveis da realidade social

¹ Esse texto foi elaborado a partir de um artigo publicado pelo mesmo autor, em conjunto com Maria Valéria Rezende, na Revista Gaveta Aberta (1994), da Escola de Formação Quilombo dos Palmares.

que se queira evidenciar e analisar, tendo-se o cuidado de se eleger uma delas como foco, sempre articulada com as demais faixas. Afinal:

- Uma das pequenas faixas será estudada enquanto “**TEXTO**”.
- As demais faixas assumirão a função de “**CONTEXTO**”. com suas respectivas temáticas.

A depender do número de temas ou aspectos que se pretenda aprofundar, poderá se aumentar o número de faixas.

	1960	1970	1980	1990	2000	2006
1 Contexto Nacional						
2 Contexto Local						
3 Fatos e Processos da Luta da Classe Trabalhadora						
4 Contexto das Lutas de outros Mov. Sociais						

- As linhas 01, 02 e 04 expressam distintos aspectos do contexto
- A linha 03 aponta o “texto”, isto é o foco que se pretende aprofundar. A maior largura desta linha expressa simbolicamente o espaço mais abrangente a ser ocupado pelos conhecimentos que se tentará ordenar.

2. VARIAÇÕES NA CONSTRUÇÃO E NO USO DA LINHA DO TEMPO

As variações no formato e na modalidade de utilização da LINHA DO TEMPO (LT) não devem depender do mero desejo de se fazer algo sempre diferente, mas da exigência pedagógica de se adequar este instrumento didático a diversos fatores:

- Ao processo que se pretende analisar.
- Aos objetivos (gerais e específicos) de cada experiência formativa que se deseja reconstituir.
- Ao perfil específico de destinatários e destinatárias (com sua cultura, linguagem, idade, grau de instrução, militância, etc.).

No lugar da faixa de papel e das linhas que acima sugerimos, pode-se desenhar um rio, com seu leito irregular, feito de altos e baixos, de trechos mais caudalosos e de outros mais transparentes e calmos...

Uma alternativa poderá ser o desenho de montanhas e planícies, simbolizando os momentos mais conflituosos ou mais tranquilos da história que se deseja contar. Outra opção ainda: o trem, com seus trilhos, parando em várias estações...

Afinal, a criatividade sugerirá as mais variadas formas e símbolos, que melhor possam se adaptar à retrospectiva histórica que estejamos fazendo.

A seguir explicitaremos duas modalidades diferentes de utilização da LT. Elas podem levar a outras, dependendo – mais uma vez - da criatividade de cada educador e educadora.

1ª : Exposição comentada, seguida de debate

Este método funciona melhor com grupos que não tenham elevado grau de informação sobre o assunto. Bastará preparar, anteriormente, uma LT em tamanho grande, com os fatos e processos mais significativos já registrados.

Em seguida será preciso fazer os preparativos para uma exposição de cada período (por exemplo: de 1848 até 1900; de 1900 até 1930; etc.), suscitando um debate, que oportunizará aprimoramentos e conclusões.

Para o bom êxito deste método, será conveniente afixar a LT numa parede bem comprida; dessa forma os participantes terão uma visão abrangente da LT e será mais fácil, nos debates, relacionar um período a outro, até chegar a uma visão gradativamente mais ampla.

Durante a exposição será importante valorizar ao máximo os conhecimentos que os participantes tenham sobre este ou aquele acontecimento. Por isso será preferível uma exposição dialogada. As novas contribuições dos participantes serão incorporadas na LT afixada na parede.

2ª: Construção Coletiva da LT

Este método funcionará, sobretudo, junto a grupos que tenham um bom grau de informação sobre o assunto. Nem sempre será possível a construção de toda a LT; mas se for possível construir coletivamente pelo menos alguns períodos da mesma, isso irá se constituir numa rica experiência educativa, tanto para educadores e educadoras, como para todos os participantes.

Nesse caso, o preenchimento anterior da LT em tamanho grande, conforme dizíamos acima, só será feito para aqueles períodos ou aspectos que não se queira construir coletivamente. Poderia - por exemplo – se apresentar já preenchidos o Contexto Internacional e o Contexto Nacional; em seguida os participantes poderiam ser convidados a preencher – em grupos – um outro aspecto, isto é, as Principais Lutas e Organizações da Classe Trabalhadora. O inverso também seria viável: preencher previamente a faixa sobre as Principais Lutas e solicitar dos grupos o preenchimento dos Contextos.

Para assegurar uma boa construção coletiva de alguns períodos ou aspectos, bastará dividir o grupo em várias equipes ou grupos. Cada uma das equipes será encarregada de construir uma parte da LT, podendo utilizar

textos, documentos ou outros subsídios relativos aos períodos ou aspectos a serem estudados. Dessa forma será mais fácil que uma equipe dê sua contribuição. Outro subsídio poderia ser o uso de uma “LT em miniatura” - num papel ofício, com seus espaços vazios. As pessoas de cada grupo usariam esta miniatura para rascunho, durante seus trabalhos.

Na medida em que vão reunindo os dados, os próprios grupos poderão escrever – com a ajuda de sua relatoria específica - numa “LT vazia” afixada na parede. Uma vez que todos os grupos tiverem preenchido a LT “vazia”, poderá ser feita uma leitura coletiva de toda a LT e ser implementado um debate que contribua para seu aprimoramento. No final seria feita a síntese das principais contribuições.

O estudo da LT não deve necessariamente começar pela primeira ou pela segunda faixa (= contexto internacional - contexto nacional); pelo contrário, é mais pedagógico começar com a terceira faixa (= Fatos e Lutas da Classe Trabalhadora), em cada período: nessa faixa o principal desafio será o de caracterizar bem os atores sociais, os protagonistas de todo o processo histórico que se pretenda reconstruir. Afinal, os três aspectos não devem ser considerados ou tratados em pé de igualdade: os primeiros dois estão a serviço do terceiro, pois buscam contextualizar os fatos e as lutas da classe trabalhadora. Neste sentido, é conveniente que se tenha também o cuidado de selecionar bem os fatos e processos que possam de fato ajudar a contextualizar bem a terceira faixa, evitando o risco de um amontoado de informações e de um debate que acabe ocupando mais tempo que a reflexão sobre a faixa principal.

Da mesma forma, não se deve necessariamente começar pelo primeiro período (1848-1900). Algumas experiências revelam que iniciar pelo período mais recente (por exemplo: de 1996 até 2006), faz com que os participantes se descubram mais facilmente enquanto FAZEDORES DA HISTÓRIA e se sintam mais motivados para estudar o passado a partir das interrogações que o momento atual levanta. Partir de HOJE, ir ao PASSADO, voltar novamente ao HOJE, parece o método mais educativo, capaz de contribuir para a superação de certas periodizações mecanicista e anti-dialéticas...

3. ORIENTAÇÕES PARA OS DEBATES

Tanto na primeira modalidade como noutra, os debates assumirão uma particular importância pedagógica. Por isso apresentaremos algumas orientações:

- Ajudar a identificar a feição da classe trabalhadora e como a mesma foi sofrendo mudanças no decorrer da história: mudanças na composição, nas formas de organização e luta, na correlação de forças com as classes dominantes.
- Favorecer uma melhor compreensão da relação entre o passado e o presente: estimular a leitura das lutas e das contradições do movimento atual, à luz do passado; ao estudar o passado, ajudar a identificar sua

relação com o presente: os vestígios que permanecem até hoje e as lições que possam ser extraídas para os desafios atuais.

- Problematizar as grandes mudanças que cada período encerra, ajudando a compreender a ligação entre fatos e processos; identificar a relação entre um fato e outro, entre um período e outro, entre uma concepção e outra...
- Contribuir na educação para a paciência histórica: a história é mais comprida que nossa vida; somos, ao mesmo tempo, herdeiros e continuadores desse processo...

Caberá aos educadores e educadoras a condução dos debates de forma tal que o grupo possa refletir, aprofundar e adquirir uma visão crítica da história passada e atual. Para isso lembramos que:

- Não basta uma leitura horizontal da LT, isto é, de cada ano, década ou período em que ela foi subdividida.
- É preciso fazer também uma leitura vertical ou transversal, relacionando os fatos de uma faixa com os fatos das demais faixas. Por exemplo, é preciso relacionar a fundação do PC no Brasil com a Revolução Russa, no contexto internacional; relacionar o Estado Novo com o nazi-fascismo na Europa...

Dessa forma ficará claro que a distinção entre períodos e entre faixas é apenas didática. Será mais fácil, também, ajudar a perceber que:

- Um período pode ser compreendido melhor à luz do anterior.
- O “contexto” oferece explicações importantes para uma leitura mais adequada do “texto”. Afinal, a relação entre “texto” e “contexto” deve ser permanente.
- Uma leitura verdadeiramente dialética tenta relacionar todas as dimensões da realidade: “tudo se relaciona”.

ALGUMAS ORIENTAÇÕES PARA O DIÁRIO DE CAMPO

- Domingos Corcione (consultor) –

- novembro de 2006 –

1. **Informações gerais.** Anotar, logo no início da página, alguns dados gerais: data, lugar onde se realiza a observação e a hora do acontecimento.
2. **Cuidados com a descrição.** Tentar fazer uma descrição do que se observou e não apenas do que aconteceu. Anotar, na medida do possível, tudo o que se considerar conveniente para se compreender o que se passou: ambiente físico e sócio-econômico; aspectos relativos ao perfil das pessoas envolvidas: linguagem utilizada, forma de se vestir, idade...
3. **Explicitação de interpretações.** Buscar explicitar interpretações críticas do fato ou das ações, identificando causas, evolução e possíveis conseqüências.
4. **Dúvidas e perguntas.** Anotar dúvidas e perguntas para esclarecimentos ou para eventuais descobertas que ainda possam ser feitas refletindo-se sobre o assunto.
5. **Observações finais:**
 - ☐ Não deixar as anotações nunca para depois.
 - ☐ Não usar o Diário de Campo para outras anotações pessoais.
 - ☐ Num processo de acompanhamento a uma comunidade, não será necessário, toda vez, anotar tudo o que se listou acima. Nas primeiras vezes será conveniente anotar mais coisas; depois bastará acrescentar eventuais novos aspectos...

